

RESENHA

UMA AVENTURA CHAMADA EUROPA¹

UNA AVENTURA LLAMADA EUROPA

Eduardo Corrêa de Negreiros²

Esta resenha oferece a obra *Europa*, de autoria de Zygmunt Bauman, sociólogo polonês que iniciou sua carreira na Universidade de Varsóvia, onde ocupou a cátedra de sociologia geral e, depois de ter seus livros censurados e em 1968 ser afastado da universidade, reconstruiu sua vida no Canadá, Estados Unidos e Austrália, até chegar à Grã-Bretanha, onde em 1971 se tornou professor titular de sociologia da Universidade de Leeds, cargo que ocupou por 20 anos. Atualmente, é professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

O livro destina-se àqueles que buscam compreender os mecanismos histórico-político-sociais que permeiam as estruturas do poder global e que envolvem a sociedade mundial como um todo num esquema hermético, globalizante, que merece ter uma resposta ante toda a sorte de disfunção e confusão que esse modelo de vida provoca. Assim, Bauman, demonstra que o Estado-nacional moderno se apresenta cada vez menos apto a organizar a vida em comunidade e de proteger o cidadão dos fenômenos desta vida globalizada.

Para fazer essa interação o autor usa a Europa, através dum delineamento histórico-político, não como sendo algo que se descubra mas uma missão, algo a ser produzido, criado, construído, como se fosse da essência da Europa estar à frente da realidade, estar sempre descobrindo novos mundos.

A missão do velho continente seria, portanto, oferecer ao mundo uma experiência de superação da realidade violenta (hobbesiana) e apresentar uma nova referência de vida em comunidade, para além do Estado-nacional, depois de séculos de guerra, revelando a Europa como um *locus* da esperança mundial.

O ponto de interesse reside na Europa que, invariavelmente, recheia os noticiários internacionais de toda sorte de assunto político, jurídico, social, e que, atualmente, carrega consigo questões envolvendo crises econômicas que a

¹ BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

² Mestrando em Ciência Jurídica pela Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI). Bolsista CAPES. Professor da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail: edunegreiros@uol.com.br.

tocam como um todo (vide as atuais crises da Grécia, de Portugal, da Irlanda e da Espanha, entre outras). Nesta esteira, portanto, ressalta-se a debilidade do Estado-nacional moderno, nascido no seio da Europa e sua modernidade, e que precisa ser superado (e/ou reinventado) como forma de tornar a vida em comunidade um projeto plausível no palco mundial.

A obra em apreço está dividida em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “Uma aventura chamada Europa”, o autor traz à baila uma alegoria fulcrada na mitologia grega, relatando o episódio no qual a princesa Europa foi raptada por Zeus, disfarçado de touro, e que desencadeou a sua procura, ordenada por seu pai a seus irmãos. Um deles, Cadmon, em Delfos consultou o Oráculo sobre o paradeiro de sua irmã, defrontando-se com seu triste destino, jamais encontra-la.

Assim, procurar a Europa, na visão de Bauman, é construí-la, é existir mediante a busca pelo infinito, como uma (eterna) aventura. Uma missão a se cumprir, algo a ser produzido, criado, construído, talvez um trabalho sem fim, um desafio a ser eternamente vencido, uma expectativa jamais alcançada.

Porém, cabe ressaltar que passados mais de dois milênios desde que os contos de origem da Europa foram escritos, a realidade hodierna é a que traz consigo o legado de uma jornada que começou e prosseguiu como uma aventura mas que ficou marcada com tons que mesclam orgulho e vergonha, realização e culpa.

É, inclusive, em Martin Heidegger, que Bauman se apóia para falar que todo grupo humano carrega a sua própria “cultura”, e que poderia soar banal a afirmação, não fosse o fato de a Europa ter descoberto a cultura como uma atividade realizada por seres humanos no mundo humano.

E foi essa descoberta que, na ótica do famoso filósofo antes citado, libertou o mundo do “feito à mão”, de modo trivial, isto é, “*zuhanden*”, e o transplantou para a gloriosa condição do reino das coisas que, para “cabem na mão”, precisam ser observadas, manuseadas, moldadas, tornadas diferentes (para, então, “cabem na mão”), isto é, “*vorhanden*”. Assim, ao contrário do universo do “*zuhanden*”, o mundo do “*vorhanden*” proíbe ficar parado, tornando-se um convite constante, até uma ordem, para que se aja.

Assim, a Europa não só criou, descobriu, inventou, a “cultura” como também inventou a necessidade e a tarefa de “cultivar a cultura”, fazendo do mundo um objeto de investigação crítica e ação criativa. E esse perpétuo renascimento e reencarnação do mundo – é nisso que consiste todo e qualquer modo humano de ser e estar neste planeta – que, entre outros fatores, levou a Europa a ser, por muitos séculos, uma ciosa exportadora de seus próprios excedentes de história, incitando, forçando, o resto do planeta a tomar parte como consumidores.

Essa aventura européia fez do mundo o seu quintal de recreação, onde havia “vastas terras que jaziam prostradas” esperando que se as “descobrissem”, e “descobrir” não significava somente achar e colocar nos mapas dos navegadores, mas sim, desnudar os tesouros até deixá-los vazios, subutilizados, empregá-los de todas as maneiras erradas, extravagantes, como também significava abrir espaços imensos mas ainda desertos ou desprezados para a habitação e para o uso produtivo do homem.

Dessa forma, a Europa desejou e precisou tanto das riquezas, para preencher os esvaziados cofres reais, como das terras para acomodar homens e mulheres para cuja sobrevivência física ou ambição social não havia espaço suficiente na terra natal. No final dessa longa jornada que utilizou o planeta como depositário de excedente de produção, percebeu-se que a necessidade contínua de despejar esse excedente ao redor do mundo foi umas das principais, ou a principal, força motora da expansão planetária européia, evidenciando a sua “missão globalizadora”.

Nesse tom, Bauman prossegue articulando as formas através das quais a Europa sentiu-se como a rainha do planeta e agiu como tal, com seus erros (sempre desculpáveis) e acertos, “oferecendo” ao mundo seu modo de vida “superior”, mais aparelhado, seguro, rico, menos perigoso e mais digno (sua cultura). Ela “oferecia” uma visão da ordem jurídica que, por comparação, fazia todas as outras (des)ordens parecerem uma selva, e assim, a conquista européia se tornava um ato enobrecedor, elevando os conquistados às alturas do verdadeiro conhecimento e da moralidade suprema, ou pelo menos era o que a própria Europa acreditava estar fazendo.

O passar do tempo, contudo, revelou que a Europa está ficando grisalha num mundo que se torna cada vez mais jovem, tanto demograficamente – o número de europeus com menos de 20 anos de idade cairá 11%, enquanto o de pessoas com mais de 60 anos de idade será acrescido da metade –, como economicamente falando – Alemanha, Grã-Bretanha e França, que não faz muito tempo eram gigantes econômicos em meio a anões, estão a pique de descer, respectivamente, para 10ª, a 19ª e a 20ª posições no ranking mundial, a ponto de se tornarem NPDs (novos países em declínio) em meio ao exuberante crescimento e à irresistível ascensão dos NPDs (novos países em desenvolvimento), conforme perspectivas do FMI (Fundo Monetário Internacional).

Assim, a Europa vê a sua superioridade produtiva se deteriorar do mesmo modo que suas idéias perdem importância diante de outros sistemas intelectuais, de maneira que os objetos passivos da “missão européia” (globalizadora), aqueles que eram figurantes da peça escrita e produzida pela Europa no teatro planetário (colonizados etc), se tornaram atores de primeira linha, corajosos, trabalhadores, talentosos e criativos. E, mesmo que a Europa tenha, ao menos

em parte, propiciado essa transformação, hoje, os seus “beneficiários” não a reconhecem, nem a admitem como tal.

Nesse ritmo, o autor abrange um pouco mais a sua percepção de forma a contemplar que o “modo de vida ocidental”, naturalmente no que diz respeito a Europa (europeização), mas também com relação aos seus filhotes, isto é, seus postos avançados, como os Estados Unidos ou Austrália, agora tem em torno de si um mundo que reverbera as consequências de sua expansão, um mundo que abarca os “retardatários da modernidade” (nascida na Europa). Um mundo que agora produz os seus próprios excedentes, mas que são deixados a cozinhar em seu próprio caldo, de modo a ter que procurarem soluções locais para problemas globais, já que o mundo como um todo não comporta mais espaço para tanto excedente, que é “subproduto natural” e necessário da modernidade e da debilidade do Estado-nacional.

Essa combinação de fatores invariavelmente se revela em guerras, massacres tribais, proliferação de “exércitos guerreiros”, refugiados de toda a sorte, ou seja, pessoas expulsas de seus lares, assassinadas ou forçadas a fugir de seus países destruídos e devastados. Aliado a tudo isso, soma-se a inversão de iniciativas tais como a criação da “área Schengen”, que de espaço criado para garantir a livre circulação dentro da União Européia, se tornou uma formidável ferramenta para controlar e registrar os movimentos de seus cidadãos e de qualquer um que nela entrar.

Assim sendo, promover esse “modo de vida ocidental” como o padrão superior que todos os outros devem seguir não é mais “legitimado em termos das grandes narrativas humanistas do Iluminismo”. Isto é, não convence mais, não serve mais de paradigma para o resto do planeta. E, desta sorte, aquele salto feito pela Europa no limiar dos tempos modernos, quando há 200 ou 300 anos atrás ela inventou as “nações”, precisa ser feito novamente de maneira a se inventar a “humanidade”, pois com o espaço planetário politicamente vazio e eticamente confuso, carecendo de “competências de governo” e autoridades jurídicas e políticas legítimas, se estabelece um vácuo que outrora a Europa soube suprir e que necessita suprir novamente, propondo a “unificação universal da espécie humana”, como preceituava Kant, em detrimento da política ocidental americana que prega um poder hobbesiano de procedimento, naturalmente, realista.

A propósito desta conclusão, o autor conecta mui perspicazmente o primeiro capítulo ao segundo, intitulado “À sombra do império”, para constatar que a Europa experimenta pela primeira vez na história estar relegada a segundo plano, passiva diante dum poder maior que o dela. E é esse poder, mais ambicioso e criativo, que transformou as suas próprias ambições em padrões para a prática do resto do mundo, “conseguindo” sustentar esses padrões e impô-los segundo a sua própria prática como modelo a ser seguido.

Nesta perspectiva, a liderança americana é comparada à suposição de se ter um elefante numa loja de porcelanas, donde a força do elefante é mais significativa para o destino das porcelanas do que as suas intenções, fazendo deste império um vetor que solapa o valor e a importância das fronteiras existentes, destruindo o pressuposto da soberania territorial de todo e qualquer Estado.

Diante dessa posição hegemônica, Bauman tece uma série de observações acerca do império americano, desde os gastos militares (motor da expansão de sua "democracia" a ser imposta às outras nações), o unilateralismo exacerbado, que ignora a própria ONU e seu Conselho de Segurança, que levou até o Afeganistão e Iraque a propósito de uma guerra contra o terror e a troca da instalação de uma política de "segurança". Claro, já que o inimigo está por toda a parte, disfarçado das formas mais sofisticadas, de modo que qualquer um pode ser o inimigo, ensejando a pronta ação a qualquer momento, em qualquer parte do globo, contra quem quer que pareça ser, ou melhor, contra todos (a guerra de todos contra todos – hobbesiana).

Além de apontar outros aspectos concernentes ao "império", o autor também lembra que outrora a "solução" para a onda liberal foi o Estado de bem-estar social que, após trinta anos de força (e de esperança de ser modelo para o mundo) sucumbiu diante da impossibilidade de oferecer soluções localmente planejadas para problemas produzidos globalmente. Assim, as cláusulas do Estado de bem-estar social foram enfraquecendo e se transformando de símbolo dos direitos dos cidadãos em ferramentas de exclusão social, pois antes, segurança era aquela do nosso lugar na sociedade, da dignidade pessoal, do trabalho, do tratamento humano etc, porém agora a segurança de que se fala é a do corpo, das pessoas.

A partir desse momento, o autor abre o terceiro capítulo, intitulado, "Do Estado social para o Estado de segurança", trazendo outra metáfora à cena, desta vez inspirado no conto "A toca", de Franz Kafka. Faz, então, envolvente paralelo entre o Estado social e o Estado de "segurança", promovido (exportado) e liderado pelos Estados Unidos, no qual se vende o medo como pressuposto de sua condição (existência).

O medo, evidenciado na "guerra contra o terror", é o pressuposto que faz do Estado americano um propagador da paranóia da "insegurança", isto é, provoca a desordem (mundial) para depois poder gerenciá-la. Assim se promove e se edita leis de exceção que reduzem liberdades individuais, estabelecendo a realização de revistas íntimas, *scanners* "nu", interrogatórios etc como procedimento "usual" dos principais aeroportos do mundo, chegando-se ao cúmulo da "detenção de 'suspeitos' de terrorismo" à revelia de quaisquer direitos (sem mandado judicial, sem direito a advogado, *habeas corpus*, "levando-os" a Guantánamo ou a uma base qualquer no Paquistão para "interrogatório" – "tortura"), entre tantas outras situações que passam de exceção à normalidade

no mundo atual sem maiores contestações da sociedade, que, apesar de enfrentar aeroportos cada vez mais caóticos, fica agradecida por estar sendo protegida contra o 'inimigo', por se sentir protegida e livre do medo (será?).

Desta feita, o autor passa para o derradeiro capítulo, intitulado "Rumo a um mundo hospitaleiro à Europa", estabelecendo que os europeus ainda podem exercer papel importante na sociedade mundial, justamente defendendo aqueles valores que foram a base da modernidade, mais precisamente, a racionalidade, a justiça e a democracia.

E assim, Bauman finaliza sua bela e atual obra fazendo um convite à eterna busca e efetivação dos valores acima mencionados como um clamor por uma comunidade humana universal a partir do exemplo europeu:

Assim, se você não encontrar nada nos corredores, abra as portas, se não encontrar nada atrás dessas portas haverá mais andares, e se não encontrar nada lá em cima, não se preocupe, apenas suba outro lance de escadas. Desde que não pare de subir, as escadas não terminarão; sob seus pés em movimento ascendente, elas continuarão se estendendo acima³.

³ KAFKA, Franz, *apud* BAUMAN, Zygmunt. **Europa: uma aventura inacabada**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 142.